

De volta para o futuro

» RICARDO DAEHN
» YALE GONTUJO

O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro foi li-poaspirado. A enorme programação competitiva dos dois últimos anos, com separação entre documentários e ficções (longas, curtas e animação), acabou afunilada, com a retirada das categorias que superpovoaram a mostra. Na verdade, a competição do festival — com 12 curtas e seis longas que serão apresentados na 47ª edição a partir de 16 de setembro — retoma agora formato original.

Não é apenas na forma enxuta que a mostra mais antiga do país se volta a tradições. O anúncio dos filmes concorrentes, feito ontem pelo secretário de Cultura, Hamilton Pereira, e por Sara Rocha, nova diretora do evento, resgata o investimento de Brasília em cinema autoral e jovem. Nenhum nome consagrado está presente. No entanto, filmes anteriores de cineastas em início de carreira, como os pernambucanos Marcelo Pedrosa (*Pacific*) e Gabriel Mascaro (*Doméstica*), aumentam a expectativa em torno do quesito qualidade.

“Muito massa”, na visão de Marcelo Pedrosa, é a conjuntura dada aos longas selecionados. Lançar questionamentos, numa narrativa alegórica, é o desejo do diretor de *Brasil S/A*, que disputa o troféu Candango. “Emergente, o Brasil é um país que está conquistando espaços, com demonstrações de país rico, desvinculado dos eternos aspectos periféricos. Acho que o filme traz uma visão crítica do ideário de progresso também ao abordar ainda as nossas contradições”, observa o realizador, prestes a entregar a fita que passa por ajustes na trilha sonora e em registros de efeitos especiais.

Marca pessoal

Há promessas de grandiosidade para o longa, na repercussão “na capital federal”, uma vez que traz teor de ficção científica sobreposta à realidade de um ex-cortador de cana (na vida real) e que surge como astronauta no enredo. Na seleção dos longas, há a curiosidade de se juntar, na disputa por prêmios, os eternos colaboradores Pedrosa e Gabriel Mascaro, que fizeram o primeiro longa juntos (*KFZ-1348*), há seis anos. “O recorte de Brasília consolida filmes que não procuram seguir uma lógica comercial clássica. Vejo muitos cineastas com marcas pessoais e vontade de se comunicar”, comenta Mascaro, diretor do longa *Ventos de agosto*.

Ele respira aliviado, ao ver “o filme acontecer” — quase simultaneamente —, no Brasil e na Suíça (no Festival de Locarno). “Por lá, vou competir com cineastas que me formaram, como o português Pedro Costa. Acho que Pernambuco tem mostrado um cinema pertinente”, pontua. A temática sobre “a passagem do tempo” formata o longa que mostra o captor do som de ventos e um romance tempestuoso em uma realidade pacata. Filmado por um mês na vila Porto de Pedras (AL), o filme vem embebido da realidade de casas engolidas pelo mar e de um cemitério ameaçado.

Aos 30 anos, André Novais Oliveira, à frente do longa mineiro *Ela volta na quinta*, se mostra ansioso pela participação no Festival de Brasília, evento que — sem segredar — sempre lhe atraiu mas, por vezes, escapou do orçamento doméstico. “Estou muito empolgado. O meu filme fala da visão de relacionamentos, de como começam e acabam, numa eterna corrente”, explica. Um casal de idosos em crise, às vésias da separação, deixa laços e ressentimentos afetarem muitos familiares. A película foi exibida no Festival de Marseille (França), praticamente um ano depois de o realizador ter obtido menção especial na Quinzena dos Realizadores em Cannes com um curta.

Desvia Produções/Divulgação



Ventos de agosto, do diretor pernambucano Gabriel Mascaro, é um dos longas-metragens selecionados na mostra competitiva: ficção científica sobreposta à realidade

Leonardo Feliciano/ CINCO DA NOR



Do brasileiro Adirley Queirós, *Branco sai, preto fica* mostra a exclusão social no Distrito Federal e o abandono do poder público

Homenagem a Eduardo Coutinho

Vladimir Carvalho trabalha para organizar uma mostra em homenagem a Eduardo Coutinho, morto em fevereiro deste ano assassinado pelo próprio filho, Daniel Coutinho. Carvalho era amigo do cineasta carioca e fazia parte da equipe de filmagem de *Cabra marcado para morrer* quando a produção baseada no Engenho Galiléia (município do interior da Paraíba) foi interrompida pela eclosão do golpe militar de 1964. O documentário concluído 20 anos depois descobria o paradeiro da família de João Pedro Teixeira, líder camponês assassinado e que deixou a viúva Elisabeth Teixeira e quatro filhos. Quando a produção foi finalmente concluído e lançado, em 1981, entrou para a lista dos principais filmes da cinematografia brasileira. “Estamos tentando trazer a cópia restaurada do filme para apresentar durante a mostra”, antecipa Carvalho. Será a segunda exibição da película, depois de passar por esse processo, na cidade. A primeira aconteceu, em 2012, no festival *É Tudo Verdade*.

Integrante, há cinco anos, da colaborativa produtora de cinema mineira Filmes de Plástico, André Novais traz um diferencial no longa-metragem — além de atuar, deu chance aos talentos de parentes, entre os quais pais, irmão, cunhada e namorada.

Prisioneiros

Outro representante detido em realidade, na disputa entre os longas, é Eugenio Puppo, do documentário *Sem pena*. Organizador de mostras de cinemas de autores marginais, o cineasta, que tem forte formação teatral, torceu pela seleção. “Pela temática, gostaria mesmo que entrasse em Brasília. Há a longa história e o viés político do festival em que, há oito anos, integrei o júri. Essencialmente, o filme fala do sistema de justiça criminal. Mexo nos conflitos que acarretam processos na vida das pessoas”, diz. Em meio à muita arbitrariedade observada, ele diz tratar todos os personagens “no mesmo patamar”. O encarceramento da pobreza é terrível, acredita o paulista de 47 anos.

“Não tenho identificação com rótulos”, demarca o concorrente a prêmios Candango

Taciano Valério, que concorre com *Pingo d'Água* (longa que encerra a trilogia *Cinza*) e avança na proposta de ser um “divisor de águas” em cinema de moldes autorais. Paraibano, há sete anos morador do interior de Pernambuco, Taciano pretende falar de libertação pessoal. “Entre os grandes festivais do país, Brasília joga com a abrangência do antes, durante e depois da projeção dos filmes. Eu falo de circulação, da indeterminação das coisas. Não há começo meio e fim no filme. Gosto de fundir narração e elementos performáticos em cinema”, explica o cineasta de 36 anos.

Os filmes vão concorrer a prêmios no total de R\$ 610 mil (com R\$ 250 mil reservados ao melhor longa-metragem).

Fique ligado

47º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

De 16 a 23 de setembro, mostra competitiva de longas e curtas-metragens no Cine Brasília (106/107 Sul) e em outras cidades do DF. Serão exibidos 12 curtas e seis longas-metragens.

Programação

Longas-metragens

- » *Branco sai, preto fica* (DF), de Adirley Queirós
- » *Brasil S/A* (PE), de Marcelo Pedrosa
- » *Ela volta na quinta* (MG), de André Novais Oliveira
- » *Pingo d'água* (PB), de Taciano Valério
- » *Sem pena* (SP), de Eugenio Puppo
- » *Ventos de agosto* (PE), de Gabriel Mascaro

Curtas-metragens

- » *B-Flat* (SP), de Mariana Youssef
- » *Bashar* (SP), de Diogo Faggiano
- » *Castillo y el armado* (RS), de Pedro Harres
- » *Crônicas de uma cidade inventada* (DF), de Luísa Caetano
- » *Estátua!* (SP), de Gabriela Amaral Almeida
- » *Geru* (SP), de Tico Dias
- » *La llamada* (SP), de Gustavo Vinagre
- » *Loja de répteis* (PE), de Pedro Severien
- » *Luz* (RJ), de Gabriel Medeiros
- » *Nua por dentro do couro* (MA), de Lucas Sá
- » *Sem coração*, (PE) de Nara Normande, Tião
- » *Vento virado* (MG), de Leonardo Cata Preta

As cidades que habito

O cinema do Distrito Federal repete o êxito do ano passado e emplaca um representante em cada mostra competitiva. O ceilandense *Branco sai, preto fica*, produção do coletivo de cinema CeiCine, assinado por Adirley Queirós, vai concorrer na mostra principal. Baseado em fatos, o segundo longa-metragem de Queirós apresenta as temáticas da exclusão social e do abandono do poder público em uma espécie de ficção científica que localiza o DF no passado, presente e futuro.

“Acho muito simbólico que tenhamos chegado, pela primeira vez, à mostra competitiva de longas com esse filme. Estou curioso para ver a reação do público. *Branco sai, preto fica* é um filme de aventura, com traços de ficção científica e que fala de segregação social no DF”, comenta o diretor sobre a fita que estreou na Mostra Tiradentes (MG), este ano.

Selecionado para a mostra de curtas-metragens do FBCB, o filme da cineasta e jornalista Luísa Caetano, *Crônicas de uma cidade inventada*, parte do ponto zero de Brasília, a Rodoviária do Plano Piloto, para acompanhar a vivência de seis personagens com a capital do Brasil. “Nós tentamos entender a relação dos habitantes com Brasília. Acho que fazemos parte de uma geração de cineastas que tenta mostrar o lado humano da cidade. Em certo ponto, criticamos a frieza com que ela sempre foi representada”, explica Luísa.

Risco?

Todas as projeções no Cine Brasília serão feitas no formato digital DCP (Digital Cinema Package), em uma manobra arriscada da organização do festival. É bom lembrar que, em 2013, a exibição do filme cearense *Pobres diabos* teve de ser interrompida por causa de um problema técnico. À época, a explicação dada pela Secretaria de Cultura foi de sobrecarga de arquivos do HD contendo os concorrentes da noite. Segundo Sara Rocha, o problema foi circunstancial. “A projeção é uma das questões prioritárias da organização do festival”, promete.